
“O Jornalista não se Livra da sua Função Social”: Livro-reportagem e Postura dos Repórteres Escritores¹

Alexandre Zarate Maciel²
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Resumo

Jornalistas brasileiros escritores de livros-reportagem entrevistados debatem, neste artigo, sobre suas posturas em defesa da vida, do ser humano e a construção jornalística de temas de relevância social e preservação da memória. Ao escrever um livro-reportagem, como podem raciocinar mais a respeito do seu fazer e analisar com mais acuidade seus processos de escolha de temas e entrevistados, esses jornalistas parecem encarar a profissão com uma perspectiva mais construtivista. Defendem um jornalismo que busque a pluralidade das vozes e nutrem a concepção do conhecimento como construção coletiva.

Palavras-chave: Jornalismo impresso. Livro-reportagem. Posturas profissionais. Ética.

Introdução

Escrever um livro-reportagem, como demonstram os depoimentos deste artigo, envolve um processo de autoanálise das práticas profissionais muitas vezes mais aguçado do que quando o jornalista está inserido em rotinas produtivas intensas e hierarquizadas na redação. Entre as muitas variáveis envolvidas na elaboração de um livro, como o tempo mais distendido para entrevistar vários personagens e investigar melhor; o espaço de muitas páginas ou até para trilogias temáticas e as heranças das técnicas jornalísticas de reconhecimento e procedimento, acrescenta-se a postura ética e de transparência. Quais valores estes jornalistas escritores, menos agulhoados às linhas editoriais, estão preocupados em defender com as suas obras?

Para refletir a respeito desses aspectos, em primeiro lugar apresenta-se a visão teórica de pesquisadores (Lima, Catalão, Vilas Boas, Rogê Ferreira, Sodré, Schudson) que estudaram tanto as principais características do livro-reportagem quanto o trabalho jornalístico da reportagem, em si, principalmente no que diz respeito às posturas éticas esperadas dos jornalistas escritores dessas obras. Em seguida, em simulação de um

¹ Trabalho apresentado no DT1-Jornalismo, GP Jornalismo Impresso, XX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz. Coordenador do grupo Jornalismo de Fôlego, vinculado ao CNPq. E-mail: alexandre.maciell@ufma.br.

debate, são apresentadas as falas de jornalistas escritores brasileiros (Zuenir Ventura, Fernando Morais, Caco Barcellos, Daniela Arbex, Adriana Carranca, Laurentino Gomes, Lira Neto, Leonencio Nossa e Rubens Valente), entrevistados por Maciel (2018). Os entrevistados tratam de aspectos que envolvem as suas próprias concepções subjetivas quando escrevem ou editam um livro-reportagem, bem como sobre o papel destas obras para a formação crítica de uma memória jornalístico-histórica brasileira.

Nesta pesquisa, um recorte da tese de Maciel (2018), foi utilizado o método qualitativo da entrevista individual em profundidade. Conforme sistematiza Gaskell (2013), a técnica permite a exploração de determinado fenômeno, a partir da percepção subjetiva e coletiva da experiência, aqui no caso dos jornalistas brasileiros e suas relações com o livro-reportagem. Levando em conta que o mundo social “é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sob condições que elas mesmas estabeleceram”, como pondera Gaskell (2013, p. 64), cumpre ao investigador, a partir do emprego da entrevista qualitativa, “mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes”. Ou seja, com o auxílio de esquemas interpretativos definidos em um estudo teórico prévio, “compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos”.

Tomando por base as entrevistas e a análise teórica, o principal resultado é a constatação de que, mais do que na produção de um noticiário factual, afetado pela pressão das velozes rotinas produtivas, na elaboração de um texto de grande reportagem para se transformar em livro o autor tem a chance de ensaiar uma visão plural dos acontecimentos do passado. No entanto, é preciso que o jornalista escritor, em um constante exercício de autoanálise, adote uma postura autocrítica de humanização e universalização temática.

“Assumir a relatividade de qualquer visão”: posturas do repórter escritor

Menos condicionado às pressões comuns em uma redação, como as linhas editoriais, o poder econômico expresso na concorrência e pressa do *deadline*, o jornalista escritor de livros-reportagem tem condições de superar a metáfora do espelho em seu trabalho. Lima (2009, p. 102) acredita que “assumir a relatividade de qualquer visão e tentar, dentro desse limite, abarcar com o máximo de fidelidade possível a compreensão total da realidade – nas câmeras interpenetradas que se puder – surge

como o novo desafio do jornalismo”. Assim, os jornalistas, principalmente aqueles que se dedicam a elaborar livros-reportagem, deveriam, na opinião desse autor, substituir o “ranço reducionista” da objetividade por novos níveis de compreensão.

Fica menos difícil para esse profissional, que, segundo Catalão (2010, p. 233), se vê desvencilhado de “constrangimentos enunciativos típicos de um campo marcado pela concentração de poder, pela normatização de procedimentos e de estilos, pelo cultivo da impessoalidade e por restrições temáticas, temporais e de espaço”, ao elaborar os seus respectivos livros-reportagem, exercer uma “posição dialógica diferenciada” e contrapor-se à ideologia do jornalismo como espelho da realidade.

Marocco (2011, p. 5) também enxerga nos livros-reportagem a possibilidade do “comentário” pela perspectiva de Foucault, como um tipo de texto que se ocupa do jornalismo para “dele elaborar outro texto que oferece o desvendamento de certos processos jornalísticos, ou a crítica dos mesmos, em operações de produção de sentidos”. Assim, em obras como as de Zuenir Ventura, o jornalista naturalmente “fará um exercício de interpretação criativa do que é considerado jornalismo”. Adotando uma postura diferenciada e mais liberta de pressões, o autor de livros-reportagem pode superar os manuais de redação e seus preceitos e inserir em sua própria narrativa, sem medo, as ponderações e autocríticas sobre as práticas jornalísticas que utiliza para compor sua obra.

Tratando da reportagem, Sodré (2009, p. 67) classifica uma manifestação do gênero que se encaixa no tipo de livro-reportagem apresentado neste artigo: um jornalismo “capaz de se densificar reflexivamente como forma de conhecimento”, fazendo com que o “acontecimento se revele como uma apreensão coletiva da factualidade, com grandes possibilidades de aprofundamento do empenho de conhecer o mundo presente”. Para Sodré (2009, p. 70), o exercício jornalístico de uma “tradução intercultural da experiência humana”, pode ser mobilizado com mais sucesso como um recurso estilístico “sempre que a produção do texto jornalístico abdica da urgência da publicação ou da utilidade imediata do conhecimento do fato em favor da elaboração mais lenta e reflexiva do relato” e, mais, quando o repórter pode abdicar da “noção quantitativista de informação pública (quanto mais dados e detalhes, maior o conhecimento) em favor daquela dimensão *sensível*, que possibilita ao leitor uma compreensão do acontecimento mais *perceptiva* do que intelectual”.

Para conservar sua credibilidade e legitimidade em um cenário democrático e diante de uma aguda crise de sentidos, os jornalistas em geral, segundo Charaudeau (2015, p. 276) deveriam se esforçar por ter por base os princípios da modéstia e da coragem. Os agentes poderiam, na opinião do autor, assumir que lançam mão de uma linguagem fragmentária e que não podem pretender a transparência. Não se posicionar como transmissores de notícias “que se apagam diante do mundo percebido”, ou “simples escrivães que registram”, ou um “espelho fiel dos fatos”, assumindo a construção de uma “realidade do mundo social” como “representação imaginada”, mas ter coragem de propor uma “inventividade”, ou seja, “encontrar fórmulas de tratamento da informação que não satisfaçam nem à ilusão de autenticidade dos fatos, nem à pretensão de querer revelar tudo, nem a corrida à emoção”.

Em algumas redações de jornais, revistas, televisão e mesmo experiências de internet que estimulavam e ainda incentivam longas reportagens, foi e é possível produzir material próximo desse nível. Mas é preciso levar em conta uma complexa equação que envolve a formação sólida do repórter, menos pressões de tempo e mais espaço, além de recursos financeiros. Nesse sentido, os jornalistas escritores estão aproveitando as vantagens do suporte livro-reportagem e suas condições de produção para exercitar investigações e narrativas plenas – movimento que, convém frisar, é mais de complementação na história da reportagem brasileira do que uma ruptura com cânones do jornalismo basilares desde o século XX.

Ao analisar obras como a do jornalista e escritor Caco Barcellos, por sua vez, Rogê Ferreira (2004, p. 362) conceitua que estes autores exercitam um “novo conhecimento do real (reprimido de vários modos)”, tentando tornar possível, portanto, “a materialização de contradições antes não aparentes” até mesmo na cobertura diária da imprensa dita de referência. O autor amplia o seu raciocínio complementando que alguns tipos de livro-reportagem produzidos no Brasil – entre os quais podem também ser incluídos os de Daniela Arbex –, “em maior ou menor medida, constroem solidamente novas identidades, novas histórias e realidades, conseguindo, mesmo que em proporções diferentes, abrir caminhos para evidenciar as relações de produção por trás dos objetos e fatos do chamado mundo “natural” (ROGÉ FERREIRA, 2004, p. 392).

A conclusão de Schudson (2010, p. 224) sobre o perfil do repórter que se lança ao jornalismo investigativo e interpretativo se assemelha aos ideais de um jornalista

escritor de livros-reportagem em um contrato de comunicação com os seus leitores: “Requer uma subjetividade madura, uma subjetividade temperada por encontros com as opiniões de outros profissionais expressivos na atividade, e uma consideração com eles; e uma subjetividade amadurecida por encontros com os fatos mundiais e um respeito por eles”. Ou ainda repórteres que se recusariam “seja a se render ao relativismo seja a se submeter acriticamente a convenções arbitrárias estabelecidas em nome da objetividade”. Para tanto, eles precisam exercitar “uma tolerância tanto pessoal quanto institucional, da incerteza, e da aceitação do risco e do compromisso de cuidar da verdade” (SCHUDSON, 2010, p. 226).

Vilas Boas (2010) chega a estimular os autores de livros-reportagem no Brasil, principalmente os biógrafos, a assumirem um compromisso com o público. Diante de um mercado que tem potencial de expansão, embora enfrente, inclusive, sanções judiciais, eles deveriam ter coragem, mesmo, de expor-se “no contexto daquilo que se narra, a fim de imprimir franqueza e liberdade de espírito” às suas narrativas. Isso porque, para o pesquisador, não existe nenhuma regra “declarada ou subentendida que impeça o jornalista-biógrafo de dar transparência à sua narrativa”. Isso aconteceria se ele incluísse nos textos “suas escolhas, seus conflitos, seus impasses, suas vivências ao longo da jornada biográfica” (VILAS BOAS, 2010, p. 146).

Das múltiplas questões que foram colocadas aos jornalistas escritores brasileiros entrevistados por Maciel (2018) aquela que diz respeito à postura ética, aos posicionamentos conscientemente assumidos por eles ao elaborarem obras desse gênero, exigiu dos entrevistados a transcendência dos conceitos arraigados na profissão, segundo os quais a objetividade e a imparcialidade são não só possíveis, mas modelos ideais para o jornalismo. Como podem raciocinar mais a respeito do seu fazer – já que, em tese, contam com mais tempo e menos pressões editoriais na sua rotina produtiva – e analisar com mais acuidade seus processos de escolha de temas, entrevistados, formas narrativas e apresentação final do produto, esses jornalistas parecem encarar a profissão com uma perspectiva mais construtivista. Ou seja, em contraponto à teoria do espelho, uma visão de uma objetividade deflacionada, em busca da pluralidade das vozes, a consciência falibilista e a concepção do conhecimento como construção coletiva, como pode ser conferido a partir dos depoimentos apresentados no próximo tópico.

“Promover uma defesa incondicional da vida, sem exceção nenhuma”

Antes de apresentar a simulação de um debate entre os jornalistas escritores entrevistados convém apresentá-los brevemente. Veterano nas redações de jornais e revistas, o jornalista Zuenir Ventura estreou como escritor em 1989, com um sucesso editorial, *1968: o ano que não terminou*, com mais de 300 mil cópias vendidas em 39 edições. É justamente o livro em que ele se propôs a radiografar, em minúcias, o ano do AI-5, festivais, passeata dos 100 mil, revolução sexual e entender as suas marcas. Também lançou um olhar contextualizador a respeito da violência no Rio de Janeiro em *Cidade partida* (1994), convivendo tanto com líderes comunitários de Vigário Geral, quanto com um traficante, que não se furtou a destilar o seu ódio social.

Foi com *A ilha*, publicado em 1976, pela Alfa-Omega, que outro jornalista entrevistado, Fernando Morais, adquiriu notoriedade no mundo dos livros. Seu relato de viagem a Cuba esgotou sucessivas edições, incentivando-o a deixar as redações para viver do ofício de escritor. *Olga*, de 1985, ainda pela Alfa-Omega, consolidou sua carreira editorial ao trazer à luz a história da militante comunista que foi mais do que apenas esposa de Luís Carlos Prestes. Na Companhia das Letras, em 1994, publicou *Chatô: o rei do Brasil*, contando a história do magnata brasileiro das comunicações, Assis Chateaubriand, aproveitando para apresentar um pano de fundo detalhado a respeito do desenvolvimento da imprensa brasileira no século XX. Acabou voltando para a temática Cuba em *Os últimos soldados da guerra fria* (2011). Com toques de narrativa de espionagem, a obra narra a história de espiões cubanos infiltrados por Fidel Castro em organizações anticastristas de Miami.

O universo do jornalista e biógrafo Lira Neto, por sua vez, é povoado por personagens que estão consolidados no imaginário nacional, mas poucas vezes foram investigados além da superfície do mito. Em 2009, Lira Neto trouxe a público o livro *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*, que, como o nome sugere, transcende a personalidade mítica do líder religioso e revela as complexas e muitas vezes contraditórias relações de forças que sempre fizeram parte do seu universo. Mas a maior empreitada biográfica, que consagrou Lira Neto entre os grandes autores de biografias jornalísticas da atualidade, seria publicada em três volumes: *Getúlio*. Fruto de uma

pesquisa hercúlea em fontes documentais, os livros da trilogia mergulham na vida do controverso ex-presidente do Brasil, transcendendo as aparências.

Mantendo um trabalho voltado para os desvalidos e os assuntos mais controversos na televisão, tendo passagens pelo *Fantástico*, *Globo Repórter*, *Jornal Nacional* e pela experiência com jornalistas iniciantes no *Profissão Repórter*, foi *Rota 66: a história da polícia que mata*, de 1992, porém, que revelou o Caco Barcellos escritor de livros-reportagem. Para chegar ao resultado final dessa obra, que denuncia os assassinatos de pessoas inocentes por policiais da Rota paulistana, elaborou um banco de dados que conseguiu comprovar anos de crimes impunes. Já em *Abusado: o dono do morro Dona Marta*, de 2003, a trajetória do traficante Marcinho VP é apenas um pretexto para esmiuçar todas as raízes da chamada guerra entre o narcotráfico e os policiais nos morros do Rio de Janeiro, com todos os seus ricos personagens.

Entre os entrevistados, no entanto, o jornalista de sucesso editorial ímpar, com mais de dois milhões de livros vendidos, é Laurentino Gomes. Ingressou no mundo editorial em 2008, com *1808*, um sucesso de vendas inesperado até para o próprio autor. A narrativa da vinda da corte de D. João VI para o Brasil foi agraciada com os prêmios Jabuti de melhor livro-reportagem e de melhor livro de não ficção daquele ano, permitindo que Laurentino deixasse as redações para se dedicar exclusivamente à elaboração de suas obras. Seus dois livros seguintes, *1822*, publicado em 2010, e o final da trilogia, lançado em 2013, *1889* consolidaram o estilo de Laurentino Gomes, que acaba de lançar o primeiro volume de uma nova trilogia, *Escravidão*.

A jornalista Daniela Arbex surpreendeu o mercado editorial e sensibilizou os leitores ao trazer à tona, em seu primeiro livro, *Holocausto brasileiro* em 2013, a história do manicômio conhecido como Colônia e localizado em Barbacena. Nas suas dependências, ao longo de um século, morreram aproximadamente 60 mil pessoas, das quais cerca de 70% sem diagnóstico de doença mental, vítimas das mais atroz condições de maus tratos e falta de estrutura. Em *Cova 312*, lançado em 2015, Daniela Arbex reconstitui a história de Milton Soares de Castro, que esteve envolvido na frustrada tentativa de formação de um foco guerrilheiro na Serra de Caparaó, comprova o seu assassinato pelas forças da repressão e, de forma surpreendente, encontra até mesmo a sua cova, cujo número consta no título. Já em *Todo o dia a mesma noite* (2018), foca nos depoimentos dos familiares e também nos socorristas que estiveram envolvidos nas consequências do incêndio da boate Kiss, em Santa Maria (RS).

Na condição de correspondente internacional do jornal *O Estado de S. Paulo*, a escritora e jornalista Adriana Carranca estampa no seu currículo coberturas nas guerras do Afeganistão e Paquistão, bem como de reportagens sobre conflitos, intolerância religiosa, direitos humanos e condição da mulher em países muitas vezes inóspitos, como Irã, Egito, Indonésia e nos territórios palestinos. Na experiência de livro-reportagem infantil *Malala, a menina que queria ir para a escola*, obra lançada em 2015, Carranca narra a história da mais jovem ganhadora do prêmio Nobel da Paz, Malala Yosafzai, uma menina que morava no vale do Swat, no Paquistão, e quase foi assassinada pelas forças do grupo extremista Talibã simplesmente por reivindicar o direito de ir à escola, proibido pelos invasores. A jornalista aproveita o mote e a força da personagem, criança como os seus leitores, para tecer uma narrativa poética, quase uma fábula real, sobre a importância da tolerância, da educação, da coragem e da luta pelos direitos humanos.

O jornalista e escritor Leonencio Nossa a partir de *Homens invisíveis* (2007) aperfeiçoou a sua vocação de observar realidades pouco desveladas. A obra é resultado de uma penosa expedição de três meses e meio pelo território dos indígenas desconhecidos da Amazônia. Em *O Rio: uma viagem pela alma do Amazonas* (2010) traçou um roteiro minucioso com o fotógrafo Celso Júnior e, em oito viagens, conseguiu fazer todo o percurso das nascentes do rio Amazonas, em Arequipa, no Peru, até onde suas águas se encontram com o Atlântico, na Floresta Amazônica. Já em *Mata! O major Curio e as guerrilhas no Araguaia* (2012), Leonencio Nossa ajudou a trazer à tona os fatos históricos ainda nebulosos envolvendo a Guerrilha do Araguaia, descrevendo, ainda, todo o cenário de conflitos de terra e violência que persistem na região.

Estreante no campo do livro-reportagem, Rubens Valente lançou mão de sua especialização em reportagens investigativas calcadas na pesquisa minuciosa de documentos para elaborar e depois lançar, em 2017, pela Companhia das Letras, o livro *Os fuzis e as flechas*, resultado de uma investigação sobre a realidade trágica dos indígenas brasileiros durante a ditadura militar brasileira (1964-1985).

Apresentados os escritores, pode-se partir agora para o relato do que disseram a respeito da pergunta central: “O autor de livros-reportagem deixa transparecer uma postura de tomar posição sobre certos valores e crenças arraigadas na sociedade na escolha dos seus temas, abordagens e redação das suas obras?” Ao mesmo tempo em que evita emitir opiniões pessoais no texto dos seus livros, Daniela Arbex (informação

verbal)³ frisa que não abre mão de “deixar muito marcada” a defesa da vida em seu trabalho: “A defesa da vida, o respeito ao outro, a questão de que a gente não quer ver pobreza, de que a gente criminaliza pobreza. Eu sei que esse tipo de texto, esse tipo de postura incomoda”. Ela acrescenta que o jornalismo deve ser porta-voz das pessoas e grupos que têm menos possibilidade de expressão no jogo midiático da visibilidade e invisibilidade. “Até os temas que eu escolho para cobrir são temas marginais muitas das vezes, que normalmente os jornalistas não cobririam. Mas é uma necessidade minha.” Para a repórter, o papel social do jornalismo é tão “grandioso” que não pode ser desperdiçado, nem recriminado.

Zuenir Ventura (informação verbal)⁴, por sua vez, diz que não gostaria de ser enquadrado como um militante ideológico a partir do seu trabalho no jornalismo. Ele se diz parte de uma geração que foi engajada, enfrentou muita repressão e tortura, mas que hoje vivencia um processo de “desencanto ideológico”. Zuenir crê que a pior herança desse período para muitos jornalistas mais antigos foi a persistência de um certo clima de autocensura. No entanto, salienta que o profissional “não se livra” da função social do jornalismo: “Agora, se eu fosse dizer em uma palavra o que eu defendo, é a ética. Enfim, então eu acho que essa é a ideia, é a melhor bússola, melhor norte, nessa eu me engajo, nessa coisa da ética”.

O exemplo do seu trabalho em *Rota 66* foi invocado por Caco Barcellos (informação verbal)⁵ para responder à pergunta sobre quais posturas ideológicas adota ao escrever os seus livros. “Eu acho que, por sorte, ao derivar para o lado das vítimas, eu me protejo também. No *Rota* não foi isso, fui direto para cima de quem provoca. Mas muito, muito mais mostrando o drama provocado por esses que não respeitam a Constituição.” Ele considera que tentou mostrar nesse livro que o policial autor de crimes violentos é vítima da própria brutalidade de um sistema que defende a postura pública da repressão. O autor salienta que tenta essencialmente dar importância ao valor da vida em seu trabalho. “Eu acho tão legal viver e acho um absurdo alguém

³ ARBEX, Daniela [08/08/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Juiz de Fora, Minas Gerais: redação jornal *Tribuna de Minas*. 1 arquivo .mp3 (2h31min). Todas as referências entre aspas relativas a esta entrevistada e aos demais provém dos respectivos arquivos de áudio de suas entrevistas.

⁴ VENTURA, Zuenir [17/08/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Rio de Janeiro: apartamento do entrevistado. 1 arquivo .mp3 (1h56min).

⁵ BARCELLOS, Caco [09/09/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: apartamento do entrevistado. 1 arquivo .mp3 (2h07min).

determinar: acabou a vida dele. Então isso é o valor primeiro. Mais importante de todos.”

Para Adriana Carranca (informação verbal)⁶, seus livros invocam a importância do valor da igualdade. “É esse o valor: que somos todos seres humanos num mesmo espaço. A dor de uma pessoa no Afeganistão é exatamente igual à dor de uma pessoa no Brasil. A relação de uma mãe com o filho na Síria é a mesma de uma mãe com filho no Brasil.” Dessa forma, seus livros indicam a postura de enxergar um “mundo sem fronteiras”, de possibilidade de “empatia e de se reconhecer no outro”, percebendo que todos “somos iguais”.

A partir do olhar jornalístico sobre a história, tentando aglutinar passado e presente nas interpretações que expressa em suas obras, Laurentino Gomes (informação verbal)⁷ crê que deixa patente para o leitor “as coisas básicas da sociedade nacional” nas quais acredita: “É uma sociedade democrática, que não é tutelada, sociedade que não precisa de ditador, de imperador, de rei para construir os seus caminhos. Isso é uma coisa na qual eu acredito e que eu acho que de alguma forma eu vou projetando nos meus livros”.

Laurentino Gomes também procura defender que a história “é feita de pessoas de carne e osso, que não são heróis totais ou vilões completos”. Assim, seria mais interessante mostrar o ser humano se movendo na história por força de circunstâncias múltiplas e complexas do que apenas o mito. “Existe uma superestrutura que permeia a história, que são crenças, religiões, construções ideológicas, símbolos, que são fortes e muito difíceis de mudar. E é isso que ancora a sociedade. Então é muito importante você mostrar essas coisas.”

Assumindo-se como socialista e humanista, Fernando Morais (informação verbal)⁸ garante que, mesmo assim, não define a escolha dos personagens ou assuntos que vai abordar em seus livros por um prisma ideológico fechado. “Quando eu anunciei que eu ia escrever sobre o [político brasileiro] Antônio Carlos Magalhães eu permanentemente topava com alguém que dizia: ‘Como é que um cara como você, que escreveu *A ilha*, que escreveu *Olga*, vai escrever sobre ACM?’” Ele aprendeu a dar uma

⁶ CARRANCA, Adriana [12/09/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: café Starbucks. 1 arquivo .mp3 (1h30min).

⁷ GOMES, Laurentino [13/09/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: livreria Saraiva shopping Eldorado. 1 arquivo .mp3 (2h14min).

⁸ MORAIS, Fernando [17/09/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: apartamento do entrevistado. 1 arquivo .mp3 (1h49min).

pronta resposta, dizendo que jornalista que não se interessa pelo político baiano, que foi um ícone da direita e do populismo, tem que mudar de profissão. Destaca que ao procurar personagens menos afinados com suas posturas políticas, como o escritor Paulo Coelho, em *O mago*, deixa claro o seu interesse por histórias de vida dramáticas, seres humanos em conflito.

Não se conformar com uma visão única sobre determinado fato ou personagem histórico é um dos valores que Lira Neto (informação verbal)⁹, de sua parte, procura seguir no seu trabalho: “Sempre buscar uma angulação nova. Sempre provocar alguma inquietação, não é? É o valor da criatividade, da invenção, no sentido não da ficção, mas de despertar curiosidade, de provocar novas ideias”. Já Rubens Valente (informação verbal)¹⁰ alega se sentir pessimista com relação a alguma sensibilização social que possa trazer com os seus livros: “Eu acho que certos livros podem sensibilizar, mas não que eu tenha que esperar isso. Senão se confunde com jornalismo militante; estou fazendo isso, espero determinada reação. É um pouco fantasioso, ingênuo achar isso”. Embora sustente um ceticismo quanto às possibilidades de os livros “mudarem uma realidade”, o autor defende que cada obra pode “semear uma discussão, ser um tijolo a mais para debater o processo de um país jovem”.

Mais do que assumir uma “postura política”, Leonencio Nossa (informação verbal)¹¹ espera, em seu trabalho, promover uma defesa incondicional da vida “de qualquer forma” e “sem exceção nenhuma”: “Às vezes eu titubeio um pouco nas questões de política, quando eu estou falando quem está certo, quem está errado. Agora, na questão da vida, por exemplo, vou me posicionar sempre, de forma bem enfática”.

Buscando, ainda, entender o papel do livro-reportagem em um contexto mais global na opinião dos entrevistados, cabe fechar este artigo tratando da possível contribuição dessa forma jornalística de expressão para a construção de uma memória nacional. Nesse sentido, Zuenir Ventura afirma que os jornalistas trabalham “em conjunto com o historiador”, sendo os historiadores do presente. Ele destaca que o jornalista garimpa matéria-prima para o historiador trabalhar, corrigir, refazer. “Ele tem

⁹ NETO, Lira [17/09/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. São Paulo: apartamento do entrevistado. 1 arquivo .mp3 (1h52min).

¹⁰ VALENTE, Rubens [07/05/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Brasília: café. 1 arquivo .mp3 (3h).

¹¹ NOSSA, Leonencio [05 e 08/05/2016]. Entrevistador: Alexandre Zarate Maciel. Brasília: apartamento do autor. 1 arquivo .mp3 (4h30min).

perspectiva e distanciamento para isso. E o nosso papel eu acho que é muito importante, mas não podemos ter a pretensão de que estamos fazendo história.”

Sobre esse assunto, Fernando Morais pondera que acha desnecessária a “ciumeira entre o mundo acadêmico e os jornalistas” e acredita que “o historiador tem que conceituar a respeito de algo que o jornalista revelou”. Com a consciência de que estão agindo em campos diferentes, “jornalista não tem que conceituar sobre nada”. Ele citou como exemplos de aproximação do jornalismo dos fatos históricos os cinco livros dos conjuntos *As ilusões armadas* e *O sacerdote e o feiticeiro*, produzidos por Elio Gaspari, e a biografia *Marighela*, de Mario Magalhães.

Por seu lado, Laurentino Gomes salienta que o livro-reportagem não deve ser encarado como mero entretenimento: “Claro que tem personagens e acontecimentos interessantes, pitorescos, bem-humorados, coisas assim. Mas um livro-reportagem, no fundo, está refletindo sobre o que nós somos, como é que nós chegamos até aqui. Quais caminhos escolhemos”. Ele pondera, entretanto, que o jornalista, mas também o historiador trabalha com uma “construção imaginária”, já que na hora em que escolhe “como vai narrar ou interpretar um assunto, está construindo uma história mitológica”. Laurentino Gomes explica que quando o jornalista faz um livro-reportagem está observando fatos e acontecimentos que gostaria que fossem mais objetivos: “Mas você também está lidando com essa dimensão mitológica, que é a identidade que a sociedade brasileira construiu a respeito desses acontecimentos e desses personagens. Então, no fundo você está botando um tijolinho a mais nessa história imaginária”.

Somando-se ao discurso dos jornalistas que têm mais autonomia dentro das próprias redações, Adriana Carranca concorda com o papel do livro para a memória, mas frisa que o jornal diário também tem uma importância crucial nesse processo. “Às vezes a gente acha que o jornal é hoje. Ah, é hoje! É o dia, o importante é o dia. Mas é a história do Brasil desse dia que você está contando.” Assim, os jornalistas de um veículo diário precisam se questionar “que história do mundo está contando a cada dia, que é o que vai influenciar o curso da história”.

Já no livro-reportagem, segundo a escritora, a reflexão deve ser no sentido de que história merece ser “eternizada”. Diferente da imprensa cotidiana, o jornalista está lidando com uma compreensão de fatos distantes do factual, como Adriana Carranca exemplifica: “Malala é o primeiro caso de uma menina que lutou pelo direito à

educação. E a mais jovem Nobel da Paz. Então ela é um exemplo de como é importante ouvir as crianças. De como o protagonismo infantil é importante”.

O papel crucial do jornalismo como uma instituição voltada para a preservação da memória também foi frisado por Rubens Valente: “Em um mundo fragmentado, de informação rápida, que entra e sai, é preciso agregar, consolidar, lidar, organizar a informação. E isso é a memória, trabalhar a memória”. Na sua ótica, o jornalista tem que colocar a memória a serviço de uma narrativa de um país, aquilo que ele “guarda, o que passou e o que viveu”. Toda vez que pensa no tema de um livro, como foi o caso de *Os fuzis e as flechas*, ele tenta ter uma visão geral sobre como o assunto foi tratado até então. “O tema do índio na ditadura é quase nulo, há alguns livros do período, escritos no calor da hora. Então eu digo: é por aqui que eu vou. Então é isso que me move, e que me move como repórter.”

Retirar temas das sombras da história e pessoas da nebulosidade. Na opinião de Daniela Arbex, essa é a principal função social do jornalismo. E, às vezes, até mesmo assuntos que já foram tratados podem ser retomados em determinados momentos por um livro-reportagem e ganhar novas abordagens, como ela acredita ser o caso das mortes no hospício de Barbacena que relatou em *Holocausto brasileiro*. “Essa história já tinha sido denunciada em 1961, 1979, ganhou prêmio Esso, mas ninguém nunca tinha se lembrado de ouvir os sobreviventes. E eu achava que era só a minha geração que não conhecia essa história.” Acabou descobrindo, com o impacto do livro, “que o Brasil não conhecia uma de suas maiores tragédias”. Para a repórter, abordando assuntos como esse, o jornalismo tira “as pessoas da invisibilidade”.

Nos momentos de ressurgência de “determinados anacronismos”, como a defesa, por parte de alguns grupos, da volta da ditadura militar, conforme pondera Lira Neto, a “memória precisa ser a ferramenta fundamental no país”. E o jornalismo desempenha um papel importante nesse processo. Com um olhar menos preso ao factual, o jornalista consegue demonstrar, por exemplo, segundo Lira Neto, que muitas das grandes pautas que estão em debate ainda hoje remontam à Era Vargas. “Então por isso é que é importante o livro-reportagem e o jornalismo, de forma geral, nos produzir, todo momento, o chamamento para a memória. E de certa forma explicar um pouco por que chegamos até aqui, por que estamos dessa forma.”

Para além do lucro que pode trazer para as editoras e os novos rumos profissionais que acena aos jornalistas, o livro-reportagem também apresenta, na

opinião dos entrevistados, características como perenidade, contextualização, aprofundamento histórico e documentação de uma época que não são facilmente definíveis quando se trata da imprensa diária. Em todo seu processo de produção, da apuração à publicação, os compromissos sociais e educativos do jornalismo parecem ressaltados no universo do livro-reportagem.

Elementos para uma conclusão

A defesa da vida, o respeito pelo outro, a divulgação da voz dos menos visíveis, a questão ética, o apoio a pessoas vitimizadas e a lupa nos conflitos humanos em busca de visões menos reducionistas e mais plurais são valores evocados pelos entrevistados. Alguns chegam a expor mais diretamente a sua opinião sobre determinadas situações de opressão nas próprias páginas do livro, enquanto outros preferem se imiscuir no disfarce de um narrador aparentemente onisciente. Há uma certa desconfiança, entretanto, com uma espécie de jornalismo “militante”, que espera reações, com jogos de emoção artificiais em sua narrativa.

A carapaça da objetividade como um método infalível para apresentar os fatos incontestáveis muitas vezes é absorvida por osmose dentro das estruturas rígidas de uma redação jornalística. Porém, quando o jornalista se assume como uma voz menos institucionalizada, no caso do livro-reportagem, percebe-se que não há tantas máscaras. Embora neguem um sentido puramente político ou de ideologia veemente quando tratam dos seus livros, os entrevistados não se furtam, em sua maioria, a assumir o compromisso com alguns valores essenciais para a convivência humana, como ficou indiciado no caso da defesa da vida.

Mais do que na produção de um noticiário factual, afetado pela pressão das velozes rotinas produtivas, na elaboração de um texto de grande reportagem para se transformar em livro o autor tem a chance de ensaiar uma visão plural dos acontecimentos do passado. No entanto, se não adota como premissa a proposta da humanização e universalização temática, de nada valem as vantagens do modo de produção de uma obra deste tipo. O profissional já partirá a campo com uma história traçada, preconceitos realçados e a predisposição a ajustar a realidade histórica a um princípio esquemático e limitador, mesmo em textos enormes e elaborados com paciência, como no caso dos livros-reportagem.

Os traços de autonomia em sua produção não garantem um produto jornalístico divorciado da lógica comercial, já que está inserido no campo das editoras. Assim, também depende das expectativas de consumo de bens simbólicos das pessoas que compõem potencialmente o mercado editorial desse tipo de produto. Ou seja, é o senso comum ou o acervo partilhado de sentidos e significados do pano de fundo cultural, que o jornalista precisa ter em conta, até mesmo para desafiá-lo com ferramentas auxiliares ao jornalismo, como as da história, antropologia e literatura.

Referências

CATALÃO Jr., A. H. **Jornalismo best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. Araraquara, 2010. 252 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: livro-reportagem como extensão do jornalismo**. 4. Ed. São Paulo: Manole, 2009.

MACIEL, A. Z. **Narradores do contemporâneo: jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil**. Recife, 2018. Tese (Doutorado em Comunicação)-Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

MAROCCO, B. **Os “livros de repórteres”, o “comentário” e as práticas jornalísticas**. *Contracampo*, v. 22, p. 116-129, 2011. Disponível em:
<<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/86>>. Acesso em: 1 out. 2020.

ROGÉ FERREIRA JR., C. A. **Literatura e jornalismo, práticas políticas: discursos e contra-discursos, o novo jornalismo, o romance-reportagem e os livros-reportagem**. São Paulo: Edusp, 2004.

SCHUDSON, M. **Descobrimo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

SODRÉ, M. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

VILAS BOAS, S. L. **Biografismo: reflexões sobre a escrita da vida**. São Paulo: Unesp, 2012.